



Comunicação para o desenvolvimento local: as apropriações de jovens rurais de propostas de redes sociais internacionais¹

Nataly de Queiroz LIMA²

Maria Salett TAUK SANTOS³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a participação de jovens rurais de Nova Olinda, no Ceará, em redes sociais internacionais e as apropriações que fazem das propostas de comunicação para o desenvolvimento local discutidas na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa. Especificamente se pretende estudar a composição e o funcionamento da rede social, assim como, as apropriações de propostas de comunicação e cultura da rede global a serem empregadas no âmbito local. Trata-se de um estudo de caso utilizando técnicas combinadas de coleta de dados, como a entrevista semi-estruturada e análise documental.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais; Comunicação; Desenvolvimento Local; Juventude.

TEXTO DO TRABALHO

Este artigo tem como objetivo analisar a participação de jovens rurais de Nova Olinda, no Ceará, em redes sociais internacionais e as apropriações que fazem das propostas de comunicação para o desenvolvimento local discutidas na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa. Especificamente se pretende estudar a composição e o funcionamento da rede social, assim como, as apropriações de propostas de comunicação e cultura da rede global a serem empregadas no âmbito local.

Desde 1992, a Fundação Casa Grande, uma organização não governamental situada no município de Nova Olinda, no sertão do cariri cearense, tem desenvolvido projetos sociais e culturais com jovens rurais em prol da garantia de direitos e do desenvolvimento local. A instituição mantém o Museu do Homem do Cariri, o Teatro Violeta Arraes, onde são exibidas as produções de vídeo do 100 Canal, uma proposta de TV Comunitária, e a Rádio Casa Grande FM, cujo sinal alcança toda a cidade de Nova

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEX), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, email: queiroz.nataly@gmail.com.

³ Profa. Dra. do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco, email: mstauk@terra.com.br.



Olinda e alguns municípios vizinhos, com uma programação produzida e gerida por jovens moradores da localidade. Este último é o principal veículo mantido pela Fundação.

Em 2000, O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), um dos financiadores da ONG, impulsionou a formação da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa, a qual tem como objetivo agregar e fortalecer experiências de jovens rurais e urbanos que produzem conteúdos e ocupam espaços de mídia comunitária visando a garantia de direitos civis, humanos e do desenvolvimento de capacidades locais. A Rede é composta por experiências locais, desenvolvidas por jovens comunicadores integrantes de associações de bairro, grupos e organizações não governamentais de Angola, Moçambique e Brasil. Neste último país, a iniciativa é gerenciada pela Fundação Casa Grande.

Ainda que impulsionados por um mobilizador externo, o UNICEF, a articulação destas experiências em rede demonstra que o rural contemporâneo é parte importante das redes sociais globais, estando conectado, e formando núcleos coletivos para promoção de direitos civis e potencialização da produção de bens e serviços. O espaço rural é mais complexo e múltiplo do que muitas vezes é retratado pela imprensa ou persiste no imaginário da sociedade brasileira, compondo aproximadamente 80% dos municípios do país (VEIGA, 2003, p.34).

O desenvolvimento das novas tecnologias e do funcionamento dos mercados financeiros impulsionaram os estudos sobre as redes. O tema ganhou relevância na década de 1970, quando se estruturou um campo de estudo intitulado *social network analysis*. “Esse paradigma de análise de redes parte do pressuposto de que a vida de cada indivíduo depende em grande medida da forma que se encontra ligado a um amplo espectro de conexões sociais dentro de uma estrutura sistêmica” (SCHERER-WARREN, 2007, p. 33).

As redes de movimentos sociais se formam em um complexo sistema de reconhecimento, no qual as identidades são causa e consequência da formação de um núcleo coletivo, visto que o reconhecimento pode ser impulsionador da aglutinação dos atores sociais, mas também suas percepções e sua relação identitária podem ser reformuladas em um processo dialógico. Estas articulações se conectam através de: identificações sociais, éticas, culturais e/ou político-ideológicas; de intercâmbios, negociações, definição de campos de conflito e resistência; e aos mecanismos de discriminação, dominação ou exclusão sistemática; com vistas à transposição dos



limites desta situação sistêmica na direção da realização de propostas ou projetos alternativos, ou seja, estabelecem seus objetivos, ou constroem um projeto para o movimento (SCHERER-WARREN, 2007, p. 36).

As redes sociais primárias, interindividuais ou coletivas, caracterizam-se por serem presenciais, em espaços contíguos, criando territórios no sentido tradicional do termo, isto é, geograficamente delimitados; enquanto isso, as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas. Todavia, elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, numa constante dialética entre o local e o mais global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o ciberativismo, podendo vir a auxiliar na formação de movimentos cidadãos planetarizados (SCHERER-WARREN, 2007, p. 39).

A Rede de Crianças e Adolescentes de Língua Portuguesa tem como principais pontos de convergência identitária o idioma e as condições socioeconômicas dos jovens que estão inseridos em atividades de produção cultural para o desenvolvimento local nos três países. A rede se organiza virtualmente, através de e-mails, e presencialmente por meio de reuniões periódicas. Há, no entanto, uma fragilidade: há localidades rurais onde não há internet ou seu acesso é escasso. Em outras, como é o caso do Brasil, faltam recursos para viabilizar a participação nos encontros presenciais que, normalmente acontecem na África. O relato se faz necessário para identificarmos fragilidades que influenciam a dinâmica e os resultados dos trabalhos conjuntos. São os desníveis e desigualdades inerentes aos processos na aldeia global.

Para além destas estratégias, uma terceira ação integradora foi o intercâmbio e a participação dos jovens em programas de rádio produzidos pelos grupos dos outros países. A participação aconteceu, ao longo dos anos, de duas formas: ao vivo e por gravação. Nos contextos populares e, portanto também na área rural, os veículos radiofônicos assumem um papel aglutinador de capital social, além de ser uma ferramenta relevante para a promoção do desenvolvimento local. Pela sua versatilidade, o rádio é adaptável aos movimentos locais e globais, assim como suas linguagens e meios específicos. Como afirma Tauk Santos:

O rádio surge como veículo de grande mobilidade, pelo baixo custo e facilidade de operacionalização. É versátil pois se presta a convivência e parcerias com velhas mídias como o telefone e com novas mídias, a exemplo da internet. (TAUK SANTOS, 2005, p. 10)



O intercâmbio com outras culturas possibilitou a adesão de elementos e bens simbólicos africanos nas produções culturais dos jovens da Fundação Casa Grande. Como especifica Aureliano Souza:

A Fundação Casa Grande é uma rua diferente. É o único espaço de lazer e de cultura que temos na cidade. As escolas visitam esse espaço, os moradores ouvem a rádio, outros jovens vêm para conhecer a videoteca. Por isso, a troca de conhecimentos com outras realidades é importante. Trazemos para a rádio músicas de outros países, levamos para a banda sons, batidas de outros países. Com isso, a população que frequenta a Fundação pode ter mais cultura e saber que o mundo é grande. Maior do que a nossa cidade⁴.

Além da inclusão das produções musicais africanas na programação musical da Rádio Casa Grande FM, foram produzidas duas séries de vídeos que documentavam a experiência de intercâmbio e apresentavam os pontos de conexão entre as realidades locais e culturas. O material foi exibido no Teatro Violeta Arraes, na sessão de cinema, que acontece mensalmente. O acervo da discoteca e da videoteca também ganharam prateleiras específicas para as produções de Moçambique e Angola. Vale salientar que nos quartos das pousadas domiciliares da Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande, os turistas têm à sua disposição Cds e DVDs de artistas locais e africanos.

A gestão das produções culturais e processos comunicacionais por parte dos jovens da Fundação é marcada pelas discussões identitárias. Através dos programas de rádios ou mesmo dos vídeos produzidos para um canal experimental de TV (100 canal), a produção simbólica se mostra como imprescindível para o reconhecimento dos sujeitos sociais e incentivo a participação popular em prol da melhoria da qualidade de vida.

A aparente liberdade com que experimentam novas formas de significar o real, inclusive promovendo intercâmbios com outras culturas (combinando blues e jazz com ritmos nordestinos como forró pé de serra e xote em programas musicais), faz com que os jovens entrem no embate do local e global. Há uma apropriação de alguns ritmos, elementos culturais e certo repúdio a outros. As produções deles valorizam os ritmos, os personagens e as imagens da cidade e do Nordeste, promovendo o resgate da auto estima local, mas os meninos e as meninas não estão alheios a produção hegemônica e absorvem parte da mesma nas suas atividades culturais.

Tratar da relação entre o global e o local sem reducionismos ou convicções taxativas é sempre desafiador. A teia engendrada desde a abertura de novas rotas de

⁴ Entrevista concedida por Aureliano Souza às autoras deste artigo, no dia 10 de outubro de 2009, na cidade de Nova Olinda, Ceará.



comércio, da colonização, se ampliou com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação, tornando possível conectar diferentes partes do mundo, facilitando a difusão de bens e símbolos hegemônicos. Mas estes mesmos canais reforçam e fazem emergir as identidades locais e suas formas de representação. É nesta dinâmica de conflitos, de refuncionalização que o jogo das identidades e da cultura se apresenta na modernidade tardia.

Tal dinâmica não é uniforme. Cada sociedade se apropria, recria ou rejeita símbolos e bens hegemônicos fazendo com que não exista uma única globalização e sim, globalizações (SANTOS, 2003). Isso se deve às formas desiguais de acesso ao global e também de distintos níveis de organização social.

Se considerarmos as maneiras diversas pelas quais a globalização incorpora diferentes nações e diferentes setores dentro de cada nação, sua relação com as culturas locais e regionais não pode ser pensada como se apenas procurasse homogeneizá-las. Muitas diferenças nacionais persistem sob a transnacionalização, mas também o modo pelo qual o mercado reorganiza a produção e o consumo para obter maiores lucros e concentrá-los converte essas diferenças em desigualdades (CANCLINI, 1999, p. 44).

As redes sociais e a globalização não são fenômenos recentes. Mas a sociedade da informação acentuou os seus usos e as suas apropriações. De acordo com Castells (2009), tal paradigma se difere das revoluções anteriores, pois coloca a informação em lugar preponderante. As novas tecnologias são pensadas para gerir fluxos comunicacionais, ampliá-los e difundi-los. A tecnologização da vida se apresenta como uma forma de sociabilidade, de participação e inserção social. A interconexão em redes virtuais e presenciais estabelecem, por sua vez, uma dinâmica de adaptação, resignificação e resistência ao modelo vigente. Como construção social, estas características não são estáveis ou isentas de conflitos.

A tecnologização da vida possibilita a ligação entre experiências geograficamente tão distantes quando as englobadas pela Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa, as quais se utilizaram, quase que exclusivamente da internet, para manter espaços de discussão e construção coletiva. As redes tecnológicas e sociais estão presentes no cotidiano da quase totalidade da população mundial, mas a dinâmica de negociação de sentidos e usos de bens materiais e culturais é campo de disputa entre hegemonia e contra-hegemonia, resignificações e rejeições.



Estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas, negras -, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também a intensificação de sua comunicação com as outras culturas de cada país e mundo. No interior das comunidades, esses processos de comunicação são percebidos ao mesmo tempo como outra forma de ameaça à sobrevivência de suas culturas e como uma possibilidade de romper a exclusão, como experiência de interação que comporta risco, também abre novas figuras de futuro, pois há nessas comunidades menos complacência nostálgica para com as tradições e maior consciência da indispensável reelaboração simbólica que exige a construção do futuro. (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 64-65)

Estas novas dinâmicas sociais e comunicativas têm impacto direto no desenvolvimento local. A partir da Rede de Criança e Adolescentes de Língua Portuguesa, os jovens de Nova Olinda passaram a ingressar em outras redes sociais internacionais: uma de turismo comunitário e a outra de produtores culturais. O incremento na recepção de turistas com o fomento a criação de pousadas domiciliares, que são dirigidas por uma cooperativa de pais dos jovens da Fundação Casa Grande (Copagran) rendeu à cidade de Nova Olinda um título concedido pelo Ministério do Turismo de referência nacional, juntamente com outros 74 municípios, no turismo comunitário.

Por outro lado, as apropriações da rede internacional também dizem respeito a promoção de eventos multiculturais com participação de artistas de diversas partes do mundo. Tais iniciativas resultam em shows e mostras de teatro gratuitas que acontecem no Teatro Violeta Arraes, de propriedade da Fundação Casa Grande. Segundo Alemberg Quindins, coordenador da ONG:

Nós queremos trazer o mundo para Nova Olinda. Trazer música clássica, lundú, jazz, sem esquecer o xote e o baião. Queremos contribuir com a educação de crianças, jovens e adultos. Os nossos programas de rádio, de TV, de Teatro visam a formação de gestores, de lideranças comprometidas com a nossa localidade⁵.

A ocupação de espaços de produção simbólica e cultural está associado ao exercício da cidadania e da participação no desenvolvimento local. Segundo Rubim:

Hoje a mera existência física já não assegura um existir social, expediente automático em uma sociabilidade de tipo comunitário, na qual a existência física e pública praticamente coincidem, pois a contiguidade do território, a exigência da presença e as dimensões possíveis ao mundo garantem o compartilhamento, o movimento de tornar comum coisas e pessoas, enfim, a publicização. Nesta circunstância societária, existir fisicamente significa, sem mais, ter

⁵ Entrevista concedida por Alemberg Quindins às autoras deste artigo, no dia 09 de outubro de 2009, na cidade de Nova Olinda, Ceará.



existência pública. A situação transforma-se radicalmente na atualidade. As novas características adquiridas pela realidade-mundo, em especial o caráter compositório da sociabilidade, rompem o imbricamento apresentado anteriormente e impõe novos requisitos para uma existência pública. (RUBIM, 2000, p. 87)

A ocupação destes espaços comunicacionais e a produção cultural permite a identificação dos grupos humanos, que por sua vez, se materializa em mobilização. Ao sentir-se grupo coeso, diverso, porém com pontos de convergência, há o incentivo ao trabalho conjunto. Como destaca Pedro Demo, o modelo de desenvolvimento sustentável, que é contra-hegemônico, e pode criar e manter em um determinado espaço, pelos atores sociais ali existentes para que não se reverta em dependência ou exploração. O reconhecimento dos sujeitos sociais com vínculos culturais, políticos, econômicos, entre outros, é indispensável para ativar a participação política em prol do desenvolvimento local, apesar de não existirem fórmulas para tais processos.

Cultura significa produto tipicamente humano e social, no sentido da ativação das potencialidades e da criatividade de cada sociedade, com relação ao desenvolvimento de si mesma e ao relacionamento com o ambiente. É marca do homem sobre a terra, principalmente na região simbólica, como capacidade de se criar e desdobrar em suas potencialidades próprias e como capacidade de interagir com as circunstâncias externas dadas. Nisto está precisamente sua característica política, entendida como capacidade de fazer a história. (DEMO, 1996, p. 55).

Assim, a cultura tem contribuição revelante no desenvolvimento local. Este se apresenta como um esforço concentrado de um determinado grupo que compartilha do mesmo espaço territorial a fim de proporcionar melhores condições de vida para o mesmo. Isto passa pela adoção de mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços. Como afirma Paulo de Jesus:

O desenvolvimento local é entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e de renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local (JESUS, 2003, p.72)

O desenvolvimento local não pode prescindir da articulação comunitária em todas as etapas e ações da iniciativa produtiva e de melhoria das condições da localidade. “Pode-se, pois, dizer que se está perante uma iniciativa ou um processo de desenvolvimento local quando se constata a utilização de recursos e valores locais, sob o controle de instituições e de pessoas do local” (JESUS, 2003, p.72). Os benefícios,



igualmente, devem ser compartilhados entre o conjunto dos envolvidos e meio em que habitam.

A juventude rural é parte preponderante deste contexto. No entanto, as desigualdades no acesso a bens materiais, simbólicos e serviços dos jovens rurais, em comparação com os urbanos, ainda é um profundo fosso social. Nas realidades do Brasil, de Angola e de Moçambique foram encontradas dificuldades macroestruturais que influenciaram diretamente na descontinuidade da ação em rede desde o final de 2008: o cenário de pobreza, onde a necessidade de trabalhar para contribuir com a renda familiar afastam os jovens dos projetos sociais; o legado do patriarcado político que mantém por décadas os mesmos grupos ou clãs familiares no poder; os escassos espaços de controle social e participação cidadã; as dificuldades no acesso à internet e por fim, a falta de sustentabilidade financeira da rede, a qual dependia exclusivamente de recursos de financiadores internacionais.

A experiência dos jovens de Nova Olinda na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa nos indica que, na complexa dinâmica das sociedades globalizadas, as capacidades culturais se apresentam como pontos de convergência para incentivar as articulações em prol de direitos e desenvolvimento com equidade e sustentabilidade, ou seja, de desenvolvimento local. Neste processo, a importância dos produtos culturais e mesmo dos veículos de comunicação nas realidades locais dependem menos da quantidade e diversidade de informação circulante do que da capacidade de mobilização que eles geram (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 68-69). Sempre ressaltando que a cultura e o desenvolvimento local, assim como os processos que lhes estão imbricados, têm na sua base as relações de poder e seus derivados conflitos.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. Edição. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1999.
- DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- DE JESUS, Paulo. **Desenvolvimento Local**. In Cattani, A. David. (org). *A Outra Economia*. Porto Alegre: Vaz Editores. 2003. p. 72-75.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis (org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. p. 57-86.



RUBIM, Antônio A. Canelas. **Contemporaneidade, (idade) mídia e democracia.** In: DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio; RESENDE, Paulo Edgar; SILVA, Hélio (org). Desafios da comunicação. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 79-92.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado. **Introdução:** para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SHERER-WARREN, Ilse. **Redes sociais:** trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (ORG). Redes, sociedades e territórios. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 29 – 50.

TAUK SANTOS, Salett. **Rádio comunidade:** construindo a democracia participativa na cidade. São Paulo: Seminário Internacional Latinoamericano de Investigación en la comunicación, 2005.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2003.